

Edifícios Públicos e os Móveis Olaio*

João Paulo Martins
e Sofia Diniz

Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design
Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de História Contemporânea

João Paulo Martins (1965) é arquiteto (1988), mestre em História da Arte (1995) e doutor em Arquitetura (2006). É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e integra o Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design. Investigador principal do projeto “Móveis Modernos. A atividade da Comissão para Aquisição de Mobiliário no âmbito da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 1940-1980”, foi comissário das exposições “Daciano da Costa, Designer” (2001-2002), “O respeito e a disciplina que a todos se impõe. Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974” (2014) e “Os arquitectos são poetas também. Cottinelli Telmo, 1897-1948” (2014-2015).

Sofia Diniz é licenciada em História / variante História da Arte, mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa e doutoranda em História, sempre pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Colaborou na Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no âmbito do Inventário do Património Arquitetónico, e foi bolsista de investigação no projeto “Móveis Modernos. A atividade da Comissão para a Aquisição de Mobiliário no âmbito da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 1940-1980”.

* Os autores não seguem o acordo ortográfico de 1990.

A construção de uma imagem global sobre a encomenda de mobiliário para os edifícios de carácter público em Portugal ao longo do século XX, tanto os de natureza oficial e promovidos pelo Estado, como aqueles que serviram outras instituições, é uma tarefa que está apenas no seu começo. A informação de que dispomos é ainda fragmentária e parcellar. Contudo, ela permite-nos ensaiar já uma perspetiva panorâmica do conjunto². E reconhecer, a par e passo, a produção da fábrica Olaio: caracterizá-la, avaliar a sua importância no contexto do país, descobrir a sua presença recorrente nos interiores públicos, medir a sua posição face às demais empresas que operavam nesse sector.

No ano de 1941, a propósito da aquisição de mobiliário para a Estação Agronómica de Sacavém, a Olaio surge numa tabela de classificação de empresas elaborada no Ministério das Obras Públicas em posição cimeira, integrando o grupo dos fabricantes mais qualificados, que apresentavam “boa capacidade técnica, larga escala, capacidade de produção, competente direcção técnica. Boa organização de serviços.”³

Com efeito, a Olaio era sistematicamente reconhecida por assegurar a totalidade do processo produtivo, da disponibilidade e tratamento das matérias-primas ao fabrico e à montagem em obra, garantindo qualidade e cumprindo prazos.⁴ Os responsáveis da empresa atuavam com consciência das suas competências e promoviam a visibilidade dos meios de que dispunham e dos processos de trabalho que empregavam. Em 1951, por exemplo, no âmbito do processo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, dirigiam-se ao Ministério das Obras Públicas em termos bem assertivos: “temos a honra de convidar V. Exa. para uma visita às nossas instalações fabris em Sacavém, pelo grande interesse que temos em mostrar os nossos modernos processos de construção, estudados nos grandes meios fabris do estrangeiro e que nos colocam a um nível superior tanto em materiais como em mão de obra”. Garantiam estar aptos a “produzir um trabalho em condições”, uma vez que dispunham “em armazém, entre outras madeiras, a de sicupira, devidamente seca, a poder ser empregada com toda a segurança”, em quantidade suficiente para o total da obra em causa.⁵

A leitura dos arquivos permite-nos verificar que a Olaio concorria a todos os tipos de programa funcional, a todos os tipos de solicitação, de forma e para todos os níveis da hierarquia requeridos pela retórica da representação institucional. De acordo com as circunstâncias, apresentava-se com móveis produzidos em série, incluídos nos seus catálogos, ou fabricando os modelos específicos de cada encomenda, com frequência a partir de desenhos inéditos do autor do projeto em causa. Nestes casos podia tratar-se tanto de tipos correntes (secretárias e assentos de trabalho, armários e arquivos...), como de construções especiais (como bancadas de laboratório, cadeiras de plateia, equipamentos de ginásio⁶), que eram por vezes pioneiras no panorama nacional.



2

Embora a qualidade do seu trabalho fosse amplamente reconhecida, a Olaio era considerada um fornecedor caro. No caso da aquisição de móveis para edifícios do Estado, era obrigatória a promoção de um concurso público e a adjudicação da encomenda ao proponente com valor mais baixo. Isso significava, muitas vezes, contratar fabricantes menos habilitados, com padrões de qualidade mais baixos e com dificuldades no cumprimento dos prazos de entrega.

Em face de algumas experiências frustradas, as entidades oficiais responsáveis pelos processos de aquisição procuravam fazer a triagem das empresas e garantir que as encomendas fossem colocadas em empresas com o nível da Olaio: elaboravam cadernos de encargos bastante rigorosos e determinavam a apresentação prévia de amostras de materiais e de protótipos, como prova da capacidade de execução. Em casos considerados particularmente sensíveis – “pelo cuidado especial que requer a execução do citado mobiliário” – o ministro das Obras Públicas autorizava a opção por um concurso limitado, ou mesmo a adjudicação direta, de modo a não “entregar a sua execução à concorrência de fabricantes que não ofereçam garantias necessárias”⁷.

REVIVALISMO (NACIONALISTA) E MODERNISMO INTERNACIONAL

O revivalismo histórico no mobiliário foi uma corrente com grande persistência no tempo, com múltiplas declinações e aplicada a programas funcionais muito diversos. Essa era a opção sempre que se entendia que a combinação entre representação e dignidade passava por uma concordância estilística entre o mobiliário e o edifício a que ele era destinado; em geral, elegendo para a arquitetura envolvente uma determinada época do passado (fosse ela genuína ou reinventada).

A atitude mais corrente desse revivalismo era a de adotar réplicas de modelos históricos, eventualmente redesenhados de modo a adequarem-se aos processos produtivos atuais, às necessidades e aos hábitos contemporâneos (de conforto, de ergonomia). É disto exemplo, o projeto para o gabinete do presidente do Conselho de Ministros (1936-1938), António de Oliveira Salazar, no Palácio de São Bento / Assembleia Nacional, em Lisboa, conduzido pelo arquiteto Guilherme Rebelo de Andrade (1891-1969), com móveis que a Olaio forneceu.

2 *Gabinete do presidente do Conselho de Ministros (1936-1938)*, Assembleia Nacional, Palácio de São Bento, Lisboa
Projeto: arquiteto Guilherme Rebelo de Andrade (1891-1969)
FOTOGRAFIA, C. 1938: HORÁCIO NOVAIS
MCS / COLEÇÃO MÓVEIS OLAIO



3



4

Uma outra abordagem, mais invulgar e, afinal, mais ousada, é aquela que seguiu, para esse mesmo edifício, o arquiteto Raul Lino (1879-1974), no desenho do mobiliário da sala do Governo (1934-1937). De acordo com os princípios que este autor defendia, não se tratava de cópias de modelos do passado, mas sim de interpretações contemporâneas – se não mesmo apenas invocações – dos estilos históricos³.

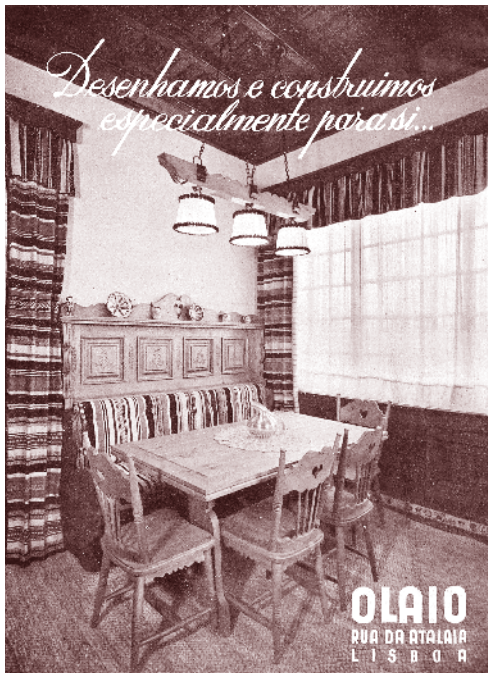
Praticamente em simultâneo, nesses meados da década de 1930, chegam-nos repetidas provas de um movimento de modernização do gosto, procurando acompanhar os figurinos internacionais do momento, a que a Olaio deu uma resposta imediata. Por um lado, no mobiliário em madeira, afirmava-se a tendência, típica do gosto Art Déco, para a adoção de uma geometria elementar na estrutura dos móveis e para o despojamento da sua ornamentação. A par das técnicas tradicionais da marcenaria e dos estofos, desenvolvia-se o emprego de revestimentos em folha de madeira com sentido decorativo. Por outro lado, afirmavam-se os móveis com estrutura em tubo de aço (cromado, nos casos mais requintados, ou pintado, nos mais correntes), na esteira direta das experiências levadas a cabo pelas vanguardas centro europeias, de que foi pioneira a Bauhaus alemã.

Ambas as linguagens, e as tecnologias que elas implicavam, surgem reunidas no mobiliário fornecido pela Olaio, em 1935, para o Palácio da Cidadela, em Cascais¹⁰, já então ligado à Presidência da República. O Instituto Nacional de Estatística, em Lisboa, inaugurado no mesmo ano, com projeto do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), recebeu móveis em madeira idênticos aos da Cidadela, o que nos leva a admitir terem sido, eles também, fabricados pela Olaio¹¹.

Certo é que, por essa época, a Olaio assegurava o fornecimento de móveis em tubo de aço, mesmo que essas peças implicassem o domínio de materiais, ferramentas e procedimentos distintos daqueles que a empresa dominava indiscutivelmente¹². Tal sucedeu no caso da Emissora Nacional, em Lisboa (inaug. 1935), segundo projeto dos arquitetos Jorge Segurado (1898-1990)¹³, Adelino Nunes (1903-1948) e Amílcar Pinto (1890-1978), com soluções – técnicas, arquitetónicas e de mobiliário – que assumidamente seguiam de perto o exemplo recente do edifício-sede da BBC, a Broadcasting House, em Londres (inaug. 1932)¹⁴. Algo semelhante ocorreu também em outros edifícios não resultantes da iniciativa oficial, nos quais a modernidade do programa funcional justificava a adoção dum tal internacionalismo de recorte tecnicista, como no Rádio Clube Português, situado na Parede, projetado pelos arquitetos Tertuliano Lacerda Marques (1882-1942) e Vasco Lacerda Marques (1909-1972)¹⁵, ou na sede do jornal Diário de Notícias (inaug. 1940), em Lisboa, com projeto do arquiteto Pardal Monteiro¹⁶, em ambas as situações justapondo peças de mobiliário em madeira a outras com estrutura em tubo de aço.

3 **Palácio da Cidadela, Cascais**
1935, (estado original)
MCS / COLEÇÃO MÓVEIS OLAIO

4 **Emissora Nacional (inaug. 1935), Lisboa**
Projeto: arquitetos Jorge Segurado
(1898-1990), Adelino Nunes (1903-1948)
e Amílcar Pinto (1890-1978)
FOTOGRAFIA, 1935: F.S. CORDEIRO
MCS / COLEÇÃO MÓVEIS OLAIO



5



6

O MOBILIÁRIO RÚSTICO

A partir da década de 1940, começou a ganhar relevo uma outra corrente, com uma formalização e significado nos antípodas do modernismo: o designado mobiliário rústico. Com intenção claramente nacionalista e sentido conservador, procurava-se a reinterpretação de supostas tradições vernáculas do país; retomavam-se materiais, estruturas, princípios construtivos e motivos ornamentais de modelos dum passado rural idealizado.

É sabido que a Olaio produziu mobiliário com esta orientação para o Hotel Abidis, em Santarém¹⁷, segundo projeto do arquiteto Amílcar Pinto, inaugurado em 1944. E que, dois anos mais tarde, a revista Panorama – editada pelo Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo e porta-voz da designada “Campanha do Bom-Gosto” – publicou uma reportagem fotográfica da “casa de campo do engenheiro Pedro de Oliveira”¹⁸, em Carcavelos, com móveis rústicos produzidos pela Olaio segundo projeto de José Espinho (1913-1973), provavelmente reinterpretando modelos que, por essa data, eram já comuns na empresa. Esta colaboração de Espinho com a Olaio (se não a primeira, uma das primeiras) esteve na origem da chamada “linha Sacavém”, que teria aceitação pública alargada durante os anos seguintes. O arquiteto Raul Rodrigues Lima (1909-1980) partiu dessa linha no seu projeto de mobiliário para o Instituto de Odivelas (1950-1951), declinando-a numa série de diferentes modelos. A Olaio respondeu ao concurso lançado na ocasião, propondo-se fornecer a totalidade do equipamento em causa. No Ministério das Obras Públicas reconhecia-se que a fábrica tinha “categoria [...] superior à dos outros [concorrentes]” e “instalações que permitem maior desenvolvimento na execução da empreitada”¹⁹. Mas a encomenda acabaria por ser repartida por um conjunto de empresas de menor dimensão que, no seu conjunto, apresentavam custos mais baixos²⁰. Tornar essa produção mais barata implicou uma redução da complexidade formal e de detalhe dos modelos originais. E, sobretudo, veio sancionar, por iniciativa do próprio Estado, a disseminação entre distintos fabricantes e com outras tantas variantes formais, de modelos que até então seriam exclusivos da Olaio.

Exatamente pela mesma data, porém, a Olaio ganhava o concurso para fornecimento de móveis para o Regimento de Artilharia n.º 6, em Santarém, entre os quais se incluíam modelos da linha Sacavém²¹. Alguns anos mais tarde, em 1957, a Olaio produziu para a Coudelaria de Alter do Chão, ou Estação de Fomento Pecuário do Sul, novas variantes de desenho rústico, muito provavelmente com projeto do arquiteto Eduardo Moreira Santos²².

5 *Publicidade de Fábrica Olaio na revista Panorama (1946)*

Móveis da Linha Sacavém
Designer: José Espinho (1915-1973).

6 *Coudelaria de Alter do Chão, Estação de Fomento Pecuário do Sul (1957-1958)*

Projeto: arquiteto Eduardo Moreira Santos (1904-?)

FOTOGRAFIA: LUÍSA FERREIRA, 2013
PROJECTO MÓVEIS MODERNOS



7



8

MODERNIDADE, PRODUÇÃO EM SÉRIE E A CONSTRUÇÃO DO DESIGN INDUSTRIAL

A Olaio distinguia-se, como vimos já, pela qualidade do seu mobiliário de série. No caso dos edifícios públicos, essa categoria incluía sobretudo o mobiliário de trabalho, usado nos escritórios de serviços administrativos: secretárias e cadeiras, armários e arquivos. Modelos de construção sólida e fiável, eminentemente funcionais e duradouros, com desenho despojado, sem uma caracterização formal específica que os ligasse a um edifício em particular, eram, em grande medida, os designados “móveis americanos” que encontramos ainda hoje em inúmeros serviços e repartições, fabricados ao longo de um arco cronológico cujos limites não conseguimos determinar com precisão²³.

A experiência sedimentada com essa produção estaria na base do investimento em novas linhas de móveis de trabalho especialmente aptas para a produção em série, racionalizando as formas e os procedimentos – tarefas para as quais foram fundamentais os contributos do designer José Espinho e do engenheiro Herbert Brehm –, que veio a concretizar-se ao longo da década de 1960, num processo gradual de integração do Design na empresa²⁴. Mas é também dessa cultura que decorre a capacidade de tornar viáveis e de materializar, por vezes em conjuntos numerosos, os móveis ou equipamentos fixos projetados com uma finalidade específica, e que eram, tantas vezes, exclusivos de um dado projeto ou típicos da pesquisa formal de um determinado autor.

A “Delegação das Novas Instalações para os Serviços Públicos” (DNISP), que funcionou na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais entre 1948 e 1970, com o encargo de promover a construção e o equipamento de uma série extensa de conjuntos funcionais na região de Lisboa, constitui um exemplo significativo do modo como foram abordados esses programas complexos e extensos, implicando uma articulação sensível entre arquitetura, infraestruturas técnicas (no caso dos espaços para laboratórios ou de auditórios), equipamentos fixos e mobiliário. Para além da competência técnica e exigência funcional, a DNISP não descuidava a resposta às necessidades de representatividade dos ambientes e permitiu aos autores contratados a exploração de margens de liberdade que viabilizaram uma aproximação ao movimento moderno internacional.

Logo em 1948, a DNISP conduziu o processo de construção do Laboratório Nacional Engenharia Civil, em Lisboa, no qual participou a fábrica Olaio²⁵. Em seguida, essa delegação promoveu a concretização de uma série de edifícios nos quais o arquiteto José Luís Amorim (1924-1999) seria, reiteradamente, autor de mobiliário e equipamento fixo e que a Olaio construiu, na íntegra ou em parte.

No caso do Instituto de Medicina Tropical²⁶, em Lisboa (1953-1958), a fábrica Olaio foi encarregada da produção e montagem das bancadas de laboratório (uma tarefa considerada de grande responsabilidade pelo rigor de coordenação que implicava), da plateia do anfiteatro principal e das bancadas das aulas práticas, sempre seguindo o desenho de J. L. Amorim²⁷.

7 *Instituto de Medicina Tropical (1953-1958), Lisboa; laboratório.*

Projeto de arquitectura:
arquiteto Lucínio Cruz (1914-1999)
Projeto de mobiliário e equipamento:
arquiteto José Luís Amorim (1924-1999)
FOTOGRAFIA: PATRÍCIA ALMEIDA, 2013
PROJECTO MÓVEIS MODERNOS

8 *Instituto de Medicina Tropical (1953-1958), Lisboa; plateia da Aula Magna*

Projeto de arquitetura:
arquiteto Lucínio Cruz (1914-1999)
Projeto de mobiliário e equipamento:
arquiteto José Luís Amorim (1924-1999)
FOTOGRAFIA: PATRÍCIA ALMEIDA, 2013
PROJECTO MÓVEIS MODERNOS

Em Setembro de 1958, quando o edifício foi inaugurado para acolher o VI Congresso Internacional de Medicina Tropical e de Paludismo, estavam ainda por completar os fornecimentos de móveis comuns. A Olaio foi então contratada para alugar durante o período do congresso móveis para equipar gabinetes, salas de reuniões, salas de espera, a biblioteca, num sinal evidente de que o seu stock de mobiliário de série, disponível de imediato em armazém, superava o das restantes empresas envolvidas.

José Luís Amorim retomou e desenvolveu os modelos que havia desenhado para Medicina Tropical, no projeto de mobiliário para o complexo da Junta de Energia Nuclear, em Sacavém²⁸, situado num terreno adjacente às instalações fabris da Olaio. A empresa deu resposta a sucessivas encomendas para a Junta, a partir de 1959, incluindo tanto os modelos especiais (assentos de conforto nas zonas de estar, mobiliário do auditório e biblioteca), como os móveis de série para trabalho (nomeadamente, da linha Prefa, desenhada por José Espinho, em 1961, e da linha Studio, por Carlos Lopes, em 1978).

A Estação Agronómica Nacional, em Oeiras²⁹, voltou a reunir a DNISP e os móveis Olaio. Em sucessivos fornecimentos, entre 1961 e 1970 pelo menos, os modelos de série (da linha Recta, entre outras) foram combinados com móveis especialmente desenhados por José Luís Amorim³⁰.

A Biblioteca Nacional (1965-1968), em Lisboa³¹, teve algumas áreas equipadas com móveis de J. L. Amorim e outras estudadas pelo designer Daciano da Costa (1930-2005) – tanto na caracterização dos interiores como no mobiliário – num registo geométrico e elementar que caracterizava este autor e que a Olaio forneceu³². A biblioteca veio complementar a Cidade Universitária de Lisboa, que lhe fica contígua e cuja construção fora já iniciada³³. A Olaio forneceu as cadeiras de plateia da Aula Magna da Reitoria (1960-1961)³⁴, segundo desenho de Daciano da Costa, e foi uma das empresas a produzir mobiliário para o Restaurante e Centro de Estudantes (1959-1962), com projeto do arquiteto Norberto Corrêa (n. 1926)³⁵.

O Palácio de Justiça de Lisboa (1961-1970)³⁶ – um dos últimos processos conduzidos pela DNISP –, com projeto de mobiliário desenhado por José Luís Amorim, constitui, pela sua extensão e complexidade formal, um exemplo maior da capacidade da Olaio.

Por essa data havia já terminado um importante laço que a Olaio estabelecera com a área da Justiça, cujos efeitos na produção de mobiliário para edifícios públicos são hoje difíceis de avaliar. Com efeito, entre 1934 e 1963, a Olaio colaborou com as oficinas instaladas



9



10

11



9-8 *Estação Agronómica Nacional (1961-1970)*, Oeiras; cadeira-tipo
Projeto de mobiliário e equipamento:
arquitecto José Luís Amorim (1924-1999)
FOTOGRAFIA: LUÍSA FERREIRA, 2014
PROJECTO MÓVEIS MODERNOS

9 *Biblioteca Nacional (1965-1968)*, Lisboa; sala de sessões.
Projeto de arquitectura: arquitetos Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) e António Pardal Monteiro (1928-2012).
Projeto de mobiliário e arquitetura de interiores: designer Daciano da Costa (1930-2005)
FOTOGRAFIA: LUÍSA FERREIRA, 2014
PROJECTO MÓVEIS MODERNOS



14

na Cadeia Penitenciária de Lisboa, funcionando com base no trabalho remunerado dos detidos. Dessas oficinas saiu equipamento destinado aos edifícios de tribunais – como, por exemplo, para o Palácio de Justiça do Porto (1960-1961), com projeto do arquiteto Rodrigues Lima. Muito provavelmente, aí foram produzidos também móveis para diversas instalações dos serviços prisionais que, em alguns casos, correspondiam aos projetos de mobiliário-tipo elaborados na Comissão das Construções Prisionais pelo arquiteto Pedro Almeida Reis³⁷. Outras iniciativas foram levadas a cabo com a participação destas oficinas, como o desenvolvimento de uma linha de mobiliário escolar e doméstico, de recorte moderno, desenhado por Tom (Tomás de Mello, 1906-1990) que, logo em 1942, mereceu divulgação oficial³⁸.

DA MATURIDADE AO DECLÍNIO

O edifício-sede da Fundação Calouste Gulbenkian³⁹ constitui um caso significativo na história da Olaio, que, em 1968, assegurou a produção e a montagem de mobiliário para as áreas de serviços e salas de congressos (secretárias, assentos, mesas de apoio...), produzido sob licença da empresa inglesa Conran Contracts Ltd.⁴⁰. O facto de ter realizado esta encomenda confirma-nos que a Olaio vivia um período de plena maturidade e estava apta a cumprir os apertados prazos impostos pelo encomendador, mas, sobretudo, a corresponder aos padrões de qualidade mais exigentes, de nível internacional – na esteira, afinal, dos licenciamentos que negociara no final da década anterior (nomeadamente com as empresas Lundia, sueca, e Lifa, dinamarquesa).

A derradeira fase da empresa pode ser aqui assinalada pela participação no processo do Centro Cultural de Belém (1990-1992), em Lisboa⁴¹. Construído para funcionar como sede da primeira presidência portuguesa da Comunidade Económica Europeia (como era na época designada a União Europeia) o conjunto recebeu equipamento fixo e mobiliário projetado por Daciano da Costa, uma parte do qual foi produzida pela Olaio⁴². Embora mantivesse ainda a sua capacidade de resposta, assente essencialmente num corpo de funcionários muito experiente e qualificado e nos recursos técnicos que haviam garantido a sua afirmação nas décadas anteriores, a Olaio não iria resistir muito mais tempo a uma gestão errática, às dificuldades levantadas pelos novos paradigmas de produção e aos desafios suscitados pela globalização, desde logo aqueles que decorriam da integração no mercado europeu, que ali mesmo ficava assinalada.

12 *Palácio de Justiça de Lisboa (1961-1970); sala de audiências*

Projeto de arquitectura: arquitectos Januário Godinho (1910-1990) e João Andresen (1920-1967)

Projeto de mobiliário e arquitetura de interiores: arquitecto José Luís Amorim (1924-1999)

FOTOGRAFIA: LUÍSA FERREIRA, 2014
PROJECTO MÓVEIS MODERNOS

13 *Edifício-sede da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1968)*

Mobiliário das áreas de serviços administrativos (produção Olaio sob licença da Conran Contracts Ltd.)

Projeto de arquitectura: arquitectos Alberto Pessoa (1919-1985), Pedro Cid (1925-1983) e Ruy d'Athouguia (1917-2006).

NOTAS

- 1 PT DGE MN: CAM 0365/02.
- 2 O presente texto é suportado pela investigação que realizámos nos arquivos da antiga Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Ministério das Obras Públicas), sobretudo entre os processos conduzidos pela Comissão para Aquisição de Mobiliário (1940-1980), mas também de outras entidades, no âmbito do projeto de investigação "Móveis Modernos", do qual resultou a exposição *O respeito e a disciplina que a todos se impõe. Mobiliário para edifícios públicos em Portugal (1934-1974)*, no MUDE, Museu do Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo, em Lisboa (2014) e as publicações J. P. Martins (ed.) – *Móveis Modernos. Mobiliário para edifícios públicos em Portugal 1940-1980*. Lisboa: CIAUD, FA-ULisboa, 2014; idem – *Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio, 2015. Dado o caráter parcelar da investigação realizada até ao presente, não é possível por enquanto determinar as quantidades totais das peças fornecidas, os respetivos custos, modelos, datas ou autores.
- 3 Cópia de ofício enviado pela Secretaria da Comissão Administrativa da Alfândega de Lisboa à Comissão Instaladora da Estação Agronómica de Sacavém; PT DGE MN: DSARH 005/127-3815/19, 21.07.1941
- 4 PT DGE MN: DSARH 005/127-3815/19.
- 5 PT DGE MN: DNISP 001-0254/01/1, 17.11.1951; ofício da Olaio para engenheiro-director delegado DNISP, Boneville Franco.
- 6 Como foi o caso dos espaldares, traves duplas, cordas verticais, bancos suecos e armários para os ginásios do Instituto Nacional de Educação Física, no Dafundo, fornecidos pela Olaio em 1951, de acordo com o projeto do arquiteto Miguel Jacobetty (1901-1970).
- 7 A propósito da instalação do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em 1954. PT DGE MN: DNISP 001-0261/02/1.
- 8 Sem que seja possível conhecermos as datas das intervenções ou os respetivos responsáveis, sabemos que inúmeros edifícios públicos ao longo do país foram equipados com móveis desta definição formal fornecidos pela Olaio. São exemplos, a título meramente indicativo, o Hospital de São José e o antigo Tribunal da Boa-Hora, em Lisboa.
- 9 Veja-se a este propósito o que Raul Lino escreveu, em 1953, no seu relatório sobre o "Mobiliário do Palácio de Seteais (Hotel)". Dizia então que deveria procurar-se adquirir "móveis e adereços antigos da época do palácio (fins do século XVIII)" e que os móveis novos deveriam inspirar-se "na época do Palácio", mas não "se deve fazer questão de cópias"; apud Margarida Elias, "Os hotéis de Santa Luzia e de Seteais e a actividade da Comissão para Aquisição de Mobiliário (1953-1955)", in J. P. Martins (ed.) – *Móveis Modernos. Mobiliário para edifícios públicos em Portugal 1940-1980*. Lisboa: CIAUD, FA-ULisboa, 2014; pp. 36-42 (p. 40).
- 10 PT DGE MN: REOM-0031/01.
- 11 J. P. Martins – "Design, mobiliário e complementos integrados no edifício do INE" in AA.VV., *INE. 80 anos. Um outro olhar*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2015; pp. 117-139.
- 12 Devemos admitir que, para assegurar a produção das estruturas, a Olaio pudesse então recorrer a outras empresas especializadas, como é o caso da metalúrgica Martins & Irmãos Teixeira, na Longra, Felgueiras, da ADICO, em Avanca, Estarreja, ou da Fábrica Portugal, em Lisboa, para mencionar apenas aquelas que dominaram o setor nas décadas seguintes.
- 13 Fotografias no espólio Olaio; agradecemos ao designer Carlos Bártolo a confirmação desta informação.
- 14 Veja-se *Rádio Nacional* [suplemento do *Jornal do Comércio e das Colónias*, n.º 2449], 27 de julho de 1935, p. 17. Os interiores da BBC Broadcasting House foram projetados pelos arquitetos Raymond McGrath, Serge Chermayeff e Wells Coates, em 1928-1932.
- Nas fotografias do edifício da Emissora Nacional (espólio Olaio), reconhecem-se, nomeadamente, as réplicas da cadeira RP6 da autoria de Bruno Pollock (1931), produzida na origem pela empresa PEL (Practical Equipment Ltd).
- 15 Inaugurado em 1934, o edifício do Rádio Clube Português foi destruído por um incêndio no ano seguinte (*O Notícias Ilustrado*, n.º 297, 18 de fevereiro de 1934, p.15; *O Notícias Ilustrado*, n.º 380, 22 de setembro e 1935, p. 21; fotografias no espólio Olaio).
- 16 Fotografias no espólio Olaio.
- 17 Fotografias no espólio Olaio.
- 18 *Panorama* n.º 27, ano 4, 1946.
- 19 PT DGE MN: CAM 0084/02, TXT.06028619-06028620.
- 20 No caso do Instituto de Odivelas, a opção pelo custo mais baixo em detrimento da garantia de qualidade ou da racionalização da produção resultou numa repartição da encomenda que veio beneficiar empresas de menores dimensões, mais disseminadas no território, e contrariar a concentração numa grande unidade produtiva. Foram fornecedoras as empresas Albino de Matos, Costa Ferreira, Carpintaria Mecânica da Lapa, Móveis Asêta, Fábrica do Calvário, Alberto de Sousa Reis e Madeiras Et Móveis (J. P. Martins (ed.) – *Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio, 2015; pp. 26-29).
- 21 Processo de projeto no SIPA: veja-se em particular FOTOS.00357193 a 00357199 (PT DGE MN:CAM 0519/12); TXT.07219738 (PT DGE MN: CAM 0343/07). Os móveis destinavam-se à sala estar de oficiais e espaços anexos; o Regimento de Artilharia n.º 6 seria mais tarde designado Escola Prática de Cavalaria.
- 22 J. P. Martins (ed.) – *Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio, 2015; pp. 30-33.
- 23 Como sucedeu, apenas a título de exemplo, na Federação Nacional dos Industriais de Moagem, na Comissão Reguladora do Comércio do Arroz (fotografias no Espólio Olaio), no Ministério das Finanças, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, no Instituto de Medicina Tropical ou na Estação Agronómica Nacional.
- 24 Apenas como exemplos de móveis de série disseminados em inúmeras instalações pelo país, cujas datas de aquisição não é possível determinar, refira-se a Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, onde foram referenciadas peças das linhas Prefa, Recta, Modular e Báltico, para além da cadeira Suécia; e o Centro Social da Paróquia de Sacavém (inaug. 1979) onde, entre peças de diversas linhas da Olaio, se encontram mesas e cadeiras empilháveis da linha Sena, concebida pelo arquiteto António Sena da Silva (1926-2001) para escolas e jardins-de-infância, cuja primeira versão a Olaio produziu, em 1972.
- 25 Outra empresa fornecedora foi a Galiano Lda. PT DGE MN:DSARH 005/125-3941/20.
- 26 Projeto de arquitetura (1953-1958) do arquiteto Lucínio Cruz (1914-1999).
- 27 A Olaio produziu também os suportes metálicos móveis para mapas, em todas as salas de aulas, replicados daqueles que haviam sido aplicados na Universidade de Coimbra. Outros fornecedores foram as empresas Móveis Serrano, Centro Técnico Hospitalar, Móveis Vitória, Fábrica Portugal, Móveis Asêta, Laboratório Imunológico de Lisboa, Sano-Técnica, Baelcar Alves, C. R. Vasconcelos/ Metalex (J. P. Martins (ed.) – *Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio, 2015; pp. 52-57).
- 28 Com arquitetura inicial de António Lino (1909-1961); depois da morte deste autor, José Luís Amorim concebeu diversos edifícios do conjunto (entre 1965 e 1980).
- 29 Projeto de arquitetura de Jorge Segurado (1898-1990) e José Maria Segurado (1923-2011). J. P. Martins (ed.) – *Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio, 2015; pp. 58-59.
- 30 A Olaio forneceu mobiliário de madeira destinado ao Pavilhão de Genética (1961), ao laboratório do Pavilhão de Mesologia (1963), ao Pavilhão de Mesologia e Química (1964-1965); armários para o Pavilhão Central (1964); bancadas de laboratório para o Pavilhão de Fisiologia Vegetal (1967, 1970); em 1968 houve um fornecimento de estantes Lundia para o serviço de Fitosistemática.
- 31 Projeto de arquitetura de Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) e António Pardal Monteiro (1928-2012).
- 32 A Olaio forneceu mobiliário para a sala de sessões, gabinete do director, teatro-auditório (cadeiras para a mesa de conferências, no palco) e dependências da sala de leitura e do átrio principal. J. P. Martins (ed.) – *Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio, 2015; pp. 72-74.
- 33 A Cidade Universitária de Lisboa foi promovida pelo Ministério das Obras Públicas, através da "Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias" (CANIU).
- 34 Outros fabricantes foram José Alcobia; Móveis Sousa Braga; Móveis Asêta; Soares da Costa, Lda.; Móveis e Adornos, Lda.; Metalúrgica da Longra; Centro Técnico Hospitalar; Viúva de João Ferreira Et Filhos e Armando Filinto Pinto Barbosa (J. P. Martins – Daciano da Costa, designer. Lisboa: FCG, 2001, pp. 110-115).
- 35 Outros fabricantes foram Móveis Asêta, Jerónimo Osório de Castro e Companhia dos Grandes Armazéns Alcobia (A. M. Pascoal – "Mobiliário para a Cidade Universitária de Lisboa: formas simples, funcionalidade e 'bom aspeto'", in J. P. Martins (ed.) – *Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio, 2015; pp. 150-155).
- 36 Projeto de arquitetura de Januário Godinho (1910-1990) e João Andresen (1920-1967). J. P. Martins (ed.) – *Mobiliário para edifícios públicos em Portugal. 1934-1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio, 2015; pp. 40, 60-61.
- 37 PT DGE MN: DREL 0047582, DOC 0047595 – 0047604, DOC 0047607, DOC 0047609-0047610, DOC 0047629, DOC 0047631 – 0047634.
- 38 *Panorama*, n.º 12, 3.º ano, dezembro de 1942, pp. 6-7.
- 39 Projeto de arquitetura de Alberto Pessoa (1919-1985), Pedro Cid (1925-1983) e Ruy d'Albuquerque (1917-2006). J. P. Martins – Daciano da Costa, designer. Lisboa: FCG, 2001, pp. 132-139.
- 40 Agradecemos ao Dr. João Santos Vieira, dos arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian, o acesso a esta informação.
- 41 Projeto de arquitetura do italiano Vittorio Gregotti (n. 1927) e de Manuel Salgado (n. 1944).
- 42 J. P. Martins – Daciano da Costa, designer. Lisboa: FCG, 2001, pp. 182-187.



«No âmbito da hotelaria (...), a Olaio desempenhou um papel de extrema importância. (...) a empresa foi responsável pelo equipamento de diversas unidades hoteleiras que foram proliferando gradualmente por todo o país, contribuindo fortemente para a massificação do turismo verificada nos anos 60 e 70 em Portugal.»

Ana Sofia Araújo

1 **Hotel Flórida. Quarto.** (Inaug. 1961)
Projeto de arquitectura: arquitecto
Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. Projeto de
mobiliário e arquitetura de interiores:
Decorador José Espinho
FCG/BA. ESTÚDIO NOVAIS